

## **1a. PARTE — ESTUDOS**

## MESTRE ALCEU E A GERAÇÃO DO POETA SINÓ PINHEIRO

Otacílio Colares

Permitam-me que, antes de quaisquer posteriores considerações, registre a profunda sensação de ausência que causou à Cultura Brasileira a morte, há pouco acontecida, daquele cuja existência foi, toda ela, um silencioso e diuturno batalhar pelo Brasil nos mais vastos escaninhos de seu desenvolvimento intelectual: Alceu Amoroso Lima, decano do pensamento nacional, figura ímpar de honestidade moral e intelectual, sempre a serviço das altas idéias e das nobres causas.

Alceu Amoroso Lima, em jovem, quando ainda cursava a velha Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, podia ser considerado uma inteligência e uma cultura atreladas às idéias do Positivismo então dominante. Houve porém para ele, na hora certa, o momento da Europa, de regresso da qual despontaria, aos 26 anos, já na plenitude de uma formação cultural bem orientada e vasta, a figura do grande pensador. Um pensador aberto e já libertado de quaisquer cacoetes doutrinários. Um pensador cujo caminho de preferência seria o da crítica literária em moldes interpretativos, à maneira do grande Araripe Júnior.

Era o ano de 1919, e o arrojo de gênio de Assis Chateaubriand acabava de fundar o matutino O JORNAL, destinado a ser o órgão líder dos Diários Associados. Grande descobridor de talentos e caracteres, Chateaubriand viu na cultura e no aprumo mental e moral de Alceu Amoroso Lima aquele arrimo precioso para um órgão que estava há muito faltando à Imprensa brasileira.

A partir de 1919, O JORNAL do Rio de Janeiro, no seu Suplemento Literário, passou a contar com um longo roda-pé assinado por alguém que firmava TRISTÃO DE ATAÍDE. Esse nome, mantido oculto por Chateaubriand, longo tempo, era o veículo de expressão crítico-doutrinária daquele que, com o passar dos anos, seria transformado pelo consenso nacional na autêntica figura representativa do Brasil pensante.

Agnóstico na mocidade, mas inteligência e cultura sempre abertas aos novos caminhos do pensar e do agir, Mestre Alceu descobriu no seu caminho a figura extraordinária de um jovem e apaixonado líder, o católico pensador sergipano Jackson de Figueiredo.

Firmo-me em Mestre Massaud Moisés, quando afirma que da grande amizade com Jackson, que exerceu importante papel em sua vida, levando-o ao Catolicismo, surgiu a verdadeira personalidade de Alceu Amoroso Lima como evangelizador na ação que desenvolveu alto poder de liderança mental por todo o país, à frente do Centro Dom Vital, cujo órgão representativo do pensamento da Igreja era a famosa revista A ORDEM.

É justamente a figura de Tristão de Ataíde que invoco nesta oportunidade, para falar de Sinobílino Pinheiro Maia, tão cedo levado pela morte, quando apenas iria completar vinte e três anos.

Sim, porque vou reportar-me ao poeta de XERÉM e de EVANGELIZAÇÃO como um dos valores que dominaram o Ceará moço entre as décadas de 30 e 40.

E digo que, quando aceitei a indicação da Secretaria desta ilustre Casa para homenagear o poeta Sinó Pinheiro, fi-lo pelo íntimo conhecimento que tenho da sua personalidade e da sua obra, toda ela unida da aura sugestiva e entusiasmante que emanava da ação evangelizadora do grande pensador de O ESPÍRITO E O MUNDO, que em 1936, já lançava, decididamente, as bases de um comportamento cristão, face à onda cada vez mais ameaçadora do socialismo como tendência doutrinária.

Permito-me lembrar como era o Ceará intelectual de entre 1930 e 1940. Uma província de pensamento tripartido em comportamentos intelectuais e doutrinários bem definidos — o dos

eccléticos e céticos, o dos cristãos católicos por doutrina atí- vista, e, em contrapartida, os da esquerda.

Conheci Sinó Pinheiro, ainda aluno, mas já destacado, do velho e tradicional Colégio Cearense do Sagrado Coração, freqüentando as tertúlias intelectuais que realizava na velha casa solarenga de seus genitores, no começo da Avenida Alberto Nepomuceno, quase defronte do antigo quartel general do 23.º Batalhão de Caçadores, o jovem recém-ordenado Padre Hélder. Éramos Sinó, eu e mais cerca de uma dezena de mo- ços estudantes que acabávamos de descobrir os encantos da Filosofia, sob as luzes do que recomendava o já citado padre Hélder, em suas aulas de Filosofia correspondentes ao quinto ano ginasial do sempre lembrado Instituto São Luiz.

Era por volta de 1933, quando um grupo de estudantes de vários colégios começou a reunir-se em obediência ao progra- ma de uma entidade intelectual denominada Centro de Estudos Brasileiros, de orientação nitidamente cristã, mas que levava como bandeira auxiliar o estudo da fenomenologia social bra- sileira. Era líder desse Centro o Padre Hélder Câmara, cuja pa- lavra fácil e o **tonus** de convicção doutrinai constituía para nós um indiscutível fascínio. Foi então que surgiu em mim, nos meus apenas dezesseis anos, o interesse pelos estudos de sociologia e política, tendo como eu tinha embasado meus par- cos conhecimentos de secundarista de colégio particular no compêndio NOÇÕES DE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, do padre jesuíta Leonel Franca, doutor em Teologia e Filosofia, uma das mais expressivas e vigorosas figuras do pensamento católico nacional, autor de inumerável série de livros polêmicos, dentre eles, O DIVÓRCIO, O PROTESTANTISMO NO BRASIL e A CRI- SE DO MUNDO MODERNO.

Pelo caminho de Leonel Franca penetrei fácil e gostosa- mente em Mestre Alceu, cujo livro O ESPÍRITO E O MUNDO deixou-me inteiramente fascinado. A mim e a Sinobilino, que comigo iniciaria em 1934, o curso de Direito, na velha e sem- pre lembrada Faculdade, ainda então situada nas dependências precaríssimas da face direita do edifício da Assembléia Legis- lativa do Estado do Ceará, justo no lugar que ocupa a presi- dência e outras dependências da nossa Academia Cearense de

Letras, sendo de registrar que o referido instituto onde estudamos, eu e Sinó, ao lado de muitos outros colegas, passaria a funcionar, a partir de 1937, no edifício atualmente sede da querida instituição.

O Mestre Alceu, de tantas atitudes viris e corajosas, era muitas vezes incompreendido e mesmo maldosamente usado como esteio por alguns, mas sempre fiel àqueles princípios que consolidara, quando terçava armas com Jackson, esse, temperamento por vezes exacerbado na defesa de suas idéias.

Mestre Tristão de Ataíde era considerado por Massaud Moisés, já antes citado, "um dos maiores críticos deste século", de quem o autor de A CRIAÇÃO LITERÁRIA afirma que "evoluiu através de três fases distintas, a primeira das quais, iniciada em 1919 e terminada em 1930, se caracteriza por um tipo de atividade crítica vincadamente estética, que julgava ter a literatura fim em si própria. Quando muito, essa concepção levava a uma filosofia da arte literária".

Interrompo neste passo as considerações do grande crítico e professor paulista, para reencontrá-las no lanço em que ele escreve que Tristão, "malgrado sua atividade proclamadamente católica e até certo ponto julgável proselitista, confirmava e alargava suas qualidades de crítico de vasta cultura, gosto apurado e inteligência vigilante, qualidades que aplicou principalmente ao estudo da produção literária do Modernismo, do qual é considerado, com justa razão, o crítico 'oficial'".

Peço agora permissão aos ilustres acadêmicos para lembrá-los de que, em meu segundo volume da série de livros de ensaios literários da minha autoria LEMBRADOS E ESQUECIDOS, estão publicados três estudos sobre justamente três jovens que viveram, pensaram e realizaram suas respectivas obras literárias quando do tempo de maior influência doutrinária de mestre Alceu Amoroso Lima: Yaco Fernandes, Sinó Pinheiro e Aluízio Medeiros.

Cada um desses poetas da geração de 40 - 45, o agnóstico mas romântico e cultíssimo Yaco Fernandes, o passional e por vezes controverso Sinó Pinheiro e o manso e refletido Aluízio Medeiros, cada qual, ao seu modo, refletiu a profunda e indiscutível influência do mestre maior, mesmo o Aluízio que se dei-

xara siderar pela ideologia e o ativismo comunistas. Tão grande, tão amplo o horizonte que o autor das cinco Séries de ESTUDOS e CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO MODERNISMO deixou sempre aberto no concernente ao sentir, ao pensar e ao fazer literários, cabendo, como literatura da maior, toda a materialização que ele fez do pensamento brasileiro.

Atendo-me à universalidade de Tristão como crítico, levo o distinto auditório a ouvir o que escrevi, a modos de justificativa crítica, quando citei o Mestre em sua opinião sobre a poliantéia intitulada A POESIA CEARENSE NO CENTENÁRIO, aparecida em 1922:

“Se assim, ainda hoje, se evidencia ao observador a predominância parnasiana, na maioria dos integrantes de A POESIA CEARENSE NO CENTENÁRIO, o fato aflorava até como defeito injustificável, ao juízo do então jovem crítico brasileiro Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) quando, em opinião firmada em artigo que passaria, depois, a integrar o Volume II de seus ESTUDOS, destacava como prejuízo inicial, para a coletânea, a predominância, ali, da forma **soneto**”.

Continuo a citação do mestre, quando ele escrevia: “O excesso de rima e de metro é justamente o escolho dessa formosa braçada de poetas que nos envia o Ceará. E se começo por uma censura — que para outros será esta ligeira notícia sobre os poetas desse adorável torrão cearense — é que neles encontro justamente a revelação de uma opulenta seiva poética — não digo perdida mas cristalizada em torno de idéias e de formas convencionais, que há quase meio século se repetem e parecem já ter dado, por enquanto, tudo quanto podiam dar”.

Vou admitir que, com relação a Sinó Pinheiro, que foi um moço brilhante e inquieto, em face da realidade do Brasil e do mundo seus contemporâneos, direi que me acostumei a vê-lo — reflexo do próprio temperamento — dando, como eu, bem jovem, de graça, aulas nas escolas de filhos de operários, noturnas, muitas à luz de candeeiros, nos mais distantes subúrbios da Fortaleza, sob a inspiração de Padre Hélder Câmara, coordenador do **jocismo**, que assim denominava-se a Juventude Operária Católica, irmã da Legião Cearense do

Trabalho, movimento operário cristão liderado pelo então tenente Severino Sombra. Como acostumei-me a vê-lo e ouvi-lo a discursar, com sua reconhecida eloquência, sobre o drama das castas menos favorecidas, ao lado de Severino Sombra, envergando o **dólmã** de mescla azul, que era a **farda** dos adeptos do movimento reivindicatório.

Assim era o Sinó que eu conheci e compreendi, justificando em alguns de seus momentos de inquietação, trocando o **dólmã** azul pela camisa verde-oliva da Ação Integralista Brasileira, movimento que havia de abandonar, depois.

Homem do início do Século XX, pois nascido no dia 19 de dezembro de 1916, oriundo de velhos e tradicionais troncos sertanejos, Sinobilino Pinheiro Maia concluiria como dos mais aplicados alunos do Colégio Cearense, o curso então denominado ginásial, cedo havendo denotado extraordinário pendor para as letras, nas páginas da revista representativa do grêmio literário do estabelecimento, ou como inflamado orador e declamador, arte em que criou cedo aura de celebridade, a que ajuntou cunho de responsabilidade, que o faria, malgrado a juventude, ir rapidamente galgando projeção no meio intelectual da cidade da Fortaleza, passando a colaborar na imprensa citadina, já como poeta, já como cronista, além de uma participação sempre muito válida no campo dos prélios acadêmicos, tendo sido, desde os primórdios, um baluarte do Centro Estudantal Cearense, partícipe da Escola Moça de Cultura, entidade que por largos anos abrigou e estimulou valores novos que surgiam na nossa terra, naqueles anos que foram de extraordinária agitação no campo das idéias e das tendências político-doutrinárias.

Com Sinó Pinheiro, no Ceará, conviveu uma geração que marcou época e também assinalou, nas letras e nas artes da Província, não a sua simples passagem, sim, sua permanência válida e ativa, ainda hoje. Uma geração tornada consciente, justo quando a Nação Brasileira como que despertava, ainda desorientada, para um mundo então praticamente dividido em duas concepções ideológicas extremas — o socialismo radical, liderado pelo regime comunista da Rússia de Stalin, e o nacional-socialismo, avassalante, sob pequenas nuances diferen-

ciais na aparência mas, no fundo, um só e único princípio basilar, com Adolf Hitler e Benito Mussolini na vanguarda dos mais ousados cometimentos políticos.

Pertence Sinó Pinheiro àquela juventude idealista e, ao mesmo tempo, ativista que descobrira, ainda nos bancos ginasiais, a Sociologia como um campo de estudo realmente novo, através de cuja prospecção deveriam passar a ser examinados aqueles duros aspectos pelos quais a problemática nacional se apresentava sofrida, em consequência do quase total absentismo, talvez inconsciente, das chamadas **elites democráticas**, donas das posições e ainda enganosamente acalentadas pelo falso ufanismo herdado dos maiores.

Nasceu assim Sinó Pinheiro, tal qual muitos de sua geração, sob o estigma da mais patriótica inquietação e de uma ansiedade idealística mais patriótica ainda.

Examinada a sua obra literária, de tempo relativamente curto, tão curta foi, infelizmente a sua vida, verificar-se-á, ao longo do que escreveu, aqui e ali, a nota pungente dessa já citada inquietude e ansiedade. Cristão por tradição e católico por fé e convicção dadas pela cultura já em projeção, em muito do que deixou escrito, seja no discurso ou na conferência, seja no poema de indisfarçável lirismo, revela sempre aquela conotação mística, que nada tem do alambicado ou do piegas mas é, por isto sim, a firmação de uma crença alicerçada na sabedoria e na experiência dos séculos, transcritas para os muitos livros que leu, sofregamente, como numa previsão da morte prematura.

Nestas notas sobre a sua personalidade humana e intelectual, realmente fascinante, haveria que esboçar um esquema para que alguma coisa fique bem clara e marcante, com relação a quem, morto subitamente e de modo trágico, aos vinte e dois anos, legou aos de sua geração e aos pósteros um raro exemplo de amplitude mental que, a não ser dada como predestinação individual de genialidade, poderia ser tida como característica da capacidade intelectual a que chegara, já quase quatro décadas atrás, a geração de moços cearenses que fez funcionar brilhantemente os já citados **Escola Moça de Cultura, Centro Estudantal Cearense** e os diversos grêmios de



estudos sociais, literários e artísticos, cuja vitalidade, pelo menos no tocante às letras e às artes, viria a cristalizar-se, em fins da década de 40, na constituição do **Grupo Clã** e da SCAP, esta última reunindo, com espírito de renovação idêntico ao do primeiro, os jovens artistas plásticos de cujo seio saíam pintores do porte de Antônio Bandeira, Aldemir Martins, Mário Baratta. Zenon Barreto, Heloísa Juaçaba, Estrigas e tantos outros atuais valores, entre esses, mais novo, a brilhar em Paris, Sérgio Esmeraldo.

A impressão que se tem é que, não houvesse morrido tão cedo, Sinó Pinheiro bem poderia ser, hoje, um dos componentes do Grupo Clã.

Foi Sinó Pinheiro, antes de tudo, um poeta. E um poeta que não teria sua destinação apenas na extraordinária sensibilidade, mas um poeta que, possuindo no íntimo do ser esse material precioso que subentende a centelha emotiva criadora, dotado fora pela Natureza com os dons de uma habilidade inata na arte de versejar, ou seja, de dar forma de comunicação fácil ao sentimento e ao pensamento.

Lidos os poemas dos dois livros de versos que deixou publicados — **Xerém**, saído ainda em vida do autor, e **Evangelização**, que deixara em prelos, morrendo em desastre automobilístico, sem tê-lo em mãos, notar-se-á, logo ao primeiro e perfunctório exame, tratar-se de alguém portador de estro fácil, comunicativo e eloqüente, até por vezes, tal facilidade vindo a ocorrer em prejuízo de um pensamento que seria de desejar mais aprofundado, de um sentimento que se quereria mais pungentemente transfundido.

No poeta Sinó Pinheiro havia — e não deve ser esquecido — a representação perfeita do jovem poeta brasileiro das primeiras décadas deste século, nas características até certo ponto comuns da dispersão do talento, este não se contentando com um determinado caminho de expressão, antes, preocupado em exuberar, no trato dos materiais mais diversos.

Lido, desde os anos juvenis, no melhor da literatura clássica portuguesa e brasileira (longos anos, cursou, como interno, o educandário marista da cidade de Fortaleza), quando começou a escrever, fê-lo pelos moldes que poderíamos chamar

**acadêmicos.** Daí, em certos poemas seus, aquela insopitável tendência para o eloqüente, mesmo retórico, aqui e ali, rematada pelo apego às formas escandidas de um Raimundo Correia ou de um Alberto de Oliveira. Como no caso dos sonetos **Aspiração** e **Subterrâneo**, de seu livro de estréia, o já citado **Xerem**(1), contra cujo título o poeta Antônio Sales, seu prefaçador, homem de certos pruridos esteticistas exagerados, declarou sua insurgência por considerá-lo demasiadamente trivial, capeando material lírico que já se evidenciava consideravelmente expressivo, no estreante.

### ASPIRAÇÃO

Ah! se o homem pudesse viver rindo,  
sem urzes e sem cruces no Caminho  
que é forçoso trilhar, talvez sentido  
a irritante Ironia do Carinho...

Ah! se o Homem pudesse ouvir, subindo  
as escadas da Dor, cheias de espinho,  
a Sinfonia desse Amor infindo,  
Amor que é Luz, que é Som, que é Glória e vinho...

Ah! se o Homem pudesse, confundido  
panteisticamente no Infinito,  
da Perfeição tocar as mãos nervosas...

Ah! se o homem pudesse haver nascido  
feito nuvem, poeira, astro, granito,  
pra não sentir angústias pavorosas...

### SUBTERRÂNEO

Quando a morte vier com suas garras  
estrangular-me as carnes e tecidos,  
e os vermes vis passearem divertidos  
por sobre o corpo meu fazendo farras;

---

(1) Sinó Pinheiro, **Xerém**, versos, Estabelecimento Gráfico Urânia, Fortaleza, 1935.

quando estiver no rol dos esquecidos,  
sem mulheres, sem vinhos, sem guitarras,  
repleto de emoções fortes, bizarras,  
as mãos e os pés e o rosto apodrecidos,

lembrando a invulgaríssima Ternura  
de uns olhos invulgares, pequeninos,  
que me deram Ventura transitória,

hei de exaltar ainda a Formosura,  
hei de ainda cantar estranhos hinos  
à Luz, ao Som, ao Bom, ao Belo, à Glória!

Se, na amostragem dos dois sonetos citados de Sinó Pinheiro, chamamos a atenção para o desejo de perfeição como tema de ambos, de pura denotação parnasiana, até, aqui e ali, traindo arrebatamentos nos moldes do **Bilac** de **In Extremis**, não podemos desprezar, nos mesmos, no tocante à expressão formal, indisfarçável e consciente preocupação simbolista, traindo no poeta leituras do torturado Cruz e Souza e mesmo do místico Alphonsus de Guimaraens, verificada a constante das maiúsculas em grande parte de palavras que ele desejou simbólicas, como **Ironia**, **Carinho**, **Luz**, **Glória**, **Morte**, **Ventura**, **Bem**, **Belo**, etc.

E, no pretexto, diremos que, em Sinó Pinheiro, como em Yaco Fernandes (\*), que viveu no Ceará a mesma época de transição estética, a expressão poética se apresentou variada, prova das vacilações de ambos os jovens na escolha do caminho definitivo.

Em Yaco, que, já falecido há alguns anos, contudo viveu mais tempo, a realização poética chegou a efetivar-se com solidez, o que não ocorreu com a de Sinó, que, ainda nos dois exemplares citados, trai a leitura apaixonada de Augusto dos Anjos, grande influência, aliás, em toda a mocidade brasileira do começo do século, sobretudo do Norte.

Assim, a nosso ver, os sonetos **Aspiração** e **Subterrâneo** são bem exemplares vivos da fase de busca em que estava o

---

(\*) Ler, noutro local, estudo sobre esse poeta.

poeta de **Xerém**, quando de sua estréia em livro. Mas quem, tendo sido jovem na década de 30, no Ceará como em qualquer outra parte do Brasil, mesmo tendo havido o Simbolismo e o subsequente denominado Modernismo, deixou de sentir a influência condoreira de Castro Alves, resposta, talvez, aos anseios ideológicos de uma geração pávida, diante do mundo incerto?

Sinó, homem de sensibilidade poética exacerbada e de inteligência já precocemente voltada para a problemática política do mundo, muitas e muitas vezes apelaria para a expressão e o metro castralvino, como se poderá verificar em grande parte do poema **O Cavaleiro Eterno**, figura simbólica, que fala assim:

“Eu sou aquele que perdoa tudo:  
a ironia maior, o desprezo mais rudo  
a blasfêmia mais forte, a mais torpe impiedade,  
a peçonha do ódio, a baba da maldade,  
a fraqueza de Adão, a infâmia de Anfisbena,  
as culpas sensuais da meiga Mada'ena,  
a insensibilidade dos ingratos,  
a baixaza, a traição de tanta gente ruim,  
a pusilanimidade de Pilatos,  
a maldade de Judas e o crime de Caim!

Não tenho pátria. Não! Prescindo das bandeiras!  
Ora vivo na Austrália, a escutar o seu hino,  
ora canto feliz, num solfejo argentino,  
a beleza sem par das selvas brasileiras.

Desdenho da Doença e desconheço a Morte.  
Habito o Pólo Sul e habito o Pólo Norte,  
sem manjares que coma e sem colchão macio,  
e nunca tive fome, e nunca tive frio.

Estou onde estiver qualquer vivente humano:  
nas entranhas do solo, entre minas de prata,  
entre feras cruéis, na solidão da mata,  
nas amplidões do Céu, no fundo do Oceano!

Mas o tempo ia passando; sem trair inteiramente os ídolos de entre infância e primeira juventude, o poeta Sinó Pinheiro não pode deixar de impregnar-se, sensível que era, dos chamamentos de uma estética expressional nova.

Depois de Castro Alves, Bilac, Alberto de Oliveira, Cruz e Souza e Augusto dos Anjos, aconteceriam, no Brasil, três surtos poéticos milagrosos, resposta aos anseios de ponderável parte da nossa mocidade: **Juca Mulato**, de Menotti del Piccha, **Cobra Norato**, de Raul Bopp, e **Martim Cererê**, de Casiano Ricardo. Então, a sensibilidade do jovem poeta, que já era tribuno e líder nacionalista em sua terra, passou a dividir-se entre o misticismo religioso e o patriótico, sendo reflexos dessa dualidade expressional as páginas de seu segundo livro — **Evangelização** (2)

Leiamos, do livro **Evangelização**, o poema título:

Reza o livro de Deus, o evangelho de Marcos  
que os pães eram só 7 e as bocas, 4.000.  
Mas Jesus — o louro pai de todas as ciências,  
benzeu, multiplicou e dividiu os pães com o povo que o  
[seguiu

Folheando o evangelho eu penso no Brasil.

A terra aqui é boa:  
os cafezais escuros de São Paulo,  
os verdes canaviais pernambucanos,  
o algodão alvinho das margens do Seridó,  
as laranjas douradas da Bahia,  
as carnaúbas cinzentas do Ceará  
que guardam como vestais a solidão das várzeas,  
os bois tristes e evangélicos do Piauí,  
que mandam para o céu em tons lentos e graves  
o quiriêlêison nostálgico da espécie,  
as florestas do norte e os pinheirais do sul,  
— tudo atesta que a terra aqui é fecunda e bondosa.

---

(2) Sinó Pinheiro, **Evangelização**, poesias, Edésio Editor, Ceará, 1938.

Entretanto se diz que há carência de pão...  
Reza o livro de Deus, o evangelho de Marcos  
que os pães eram só 7 e as bocas, 4.000.

Quem vai multiplicar os pães do meu Brasil?

Indiscutíveis, no poema de Sinó, as novas influências atrás assinaladas, dos poetas do chamado **verde-amarelismo**: a temática bem brasileira, a implícita preocupação ante o desgoverno de entre fins da Monarquia e início da República, refletida até mesmo na que chamaremos **geração de 40**. A par disso, a intencional fuga ao rigorismo métrico, que lhe era constante, no livro de estréia.

E não avançaríamos demais se disséssemos encontrar, aqui e ali, propositadas intenções regionalistas em Sinó Pinheiro, quando fez versos de sete pés, no melhor estilo do trovador nordestino, inclusive ut'ilizando ciranda infanti!, como na poesia.

#### BRINCADEIRA DE AMOR

Eu vi Maria da Glória  
numa noite de luar  
do santo mês de janeiro,  
quando os meninos brincavam  
(e eu também no meio deles):

“Eu sou, pobre, pobre, pobre,  
demavé, mavé, mavé...”

Nossas mãos ainda puras  
levemente se tocaram  
numa carícia inocente,  
e nossas alminhas boas,  
diversas do que hoje são,  
parece que se entenderam:

“Quero uma de vossas filhas,  
demavé, dessê...”

Maria da Glória tinha  
uns cabelos ane'ados,  
lábios de rosa entreabertos,  
maçãs de rosto gordinhas,  
mãos de romance de fada,  
pezinhos de corralheira,  
corpo leve como a brisa,  
da cor de Branca de Neve,  
e uns olhos que eram rivais  
da lua no céu desnudo.

“Eu quero a Mariazinha,  
demavé, mavé, mavé...”

Amei Maria da Glória  
numa noite de luar  
do suave mês de maio  
mês do riso, mês das flores,  
também de Nossa Senhora.

Assim vai, na atmosfera de pura ingenuidade bucólica, o longo poema, sempre intercalando a progressão do tema amoroso com outros refrãos de ciranda infantil, até chegar, com os versos, ao mês de dezembro, para concluir melancólica e filosoficamente:

Minha Maria da Glória  
era irmã gêmea da glória  
que se vê demanhãzinha  
se conquista ao **meio-dia**  
e ao sol poente se esvai.

Todo princípio são flores  
toda flor em fruto acaba.  
O pobre que as flores ama  
colhe o fruto (isto é pecado!)  
e abandona o paraíso.

Ah! tempinho de criança  
como você era bom!  
Eu sou pobre, pobre, pobre,  
demavé, dessê...”

Seria demais pensar-se em leituras de Manuel Bandeira influenciando **Brincadeira de Amor**?

Consciente — e até incensado por isto — de ser dono de uma **verve** espontânea que se lhe revelava esplendidamente no improviso em verso, muita vez despoliciano-se, deixava Sinó que tal faceta, menos qualitativamente literária, interferisse em sua poesia, que por vezes saía caricatural quando, em determinados casos, transudava este ou aquele poema essência emocional da melhor veia. E, ainda nisso, foi ele uma consequência de peculiar período de transição em que surgiu para a literatura de sua terra, onde uma certa boêmia literária ainda encontrava lugar, nos moldes do versejar epigramático que fizera famosos Emílio de Meneses e Paula Ney.

Sinó Pinheiro foi também — e com grande garbo — um orador. Melhor dizendo: um autêntico tribuno, de porte másculo, de frase elegante e incisiva, de verbo fluente, de gesticulação sempre precisa, quer na praça pública, diante das massas, quer nos grêmios literários ou nos salões requintados do convívio social. Do orador de salão muita coisa ele deixou registrada, merecedora de publicação em livro, já para os estudiosos de sua personalidade de artista, já para os que desejarem, de futuro e em profundidade, fazer um exato levantamento da época agitada em que o poeta viveu.